

# Documentaristas fazem eleição

**Duas chapas - Integração e Produção e Reflexão e Atuação** - disputam as eleições para a diretoria da Associação Brasileira de Documentaristas do DF (ABD-DF), que acontecerão na próxima segunda-feira, dia 31 de outubro. Embora a entidade tenha apenas 60 associados, a campanha vem ocorrendo num clima de muita disputa e polêmica. Afinal, quem ganhar o pleito, terá maior poder sobre a gerência do Ceprocine (Centro de Produção Cinematográfica), organismo ligado à ABD-DF, que detém significativo parque de equipamentos cinematográficos (uma câmera em 35mm, outra em 16mm, uma moviola e material de iluminação).

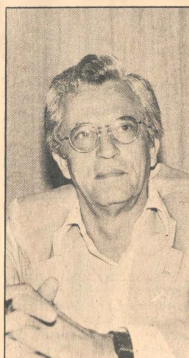
Para discutir os programas das duas chapas, ouvimos José Acioli (candidato à reeleição pela chapa **Integração e Produção**) e Márcio Curi (da chapa **Reflexão e Atuação**).

**CORREIO:** Mas a administração da entidade, atualmente, é uma composição dos dois segmentos?

**Acioli:** É verdade. E foi nesta gestão que conseguimos equipar a cidade, criando o Ceprocine e ministrando cursos para aperfeiçoamento teórico e prático dos associados da ABD. E, além disso, não se pode esquecer que exercemos todo tipo de ação política ligada à atividade cinematográfica. Não fizemos representações em todos os eventos nacionais, como o Encine (Encontro Nacional de Cinema) e na Jornada Nacional do Curta Metragem. Neste momento, estamos totalmente absorvidos pela organização da II Jornada Nacional das ABDS, que acontecerá em Brasília, paralelo ao XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

## Integração e produção na proposta de Acioli

José Acioli Lima é físico, professor da Universidade de Brasília e um criadores do Pro-Acool. Chegou ao cinema há cinqüenta e se revelou no I Festival de Cinema Super-8, do Sesc, onde apresentou A Meca, Dilema e Meandros. Este ano foi escolhido melhor da mostra. Seu primeiro curta metragem em 16mm - A Cruviana - venceu o I Festival do Filme Brasíliaense, promovido ano passado. No momento prepara um livro sobre a Universidade de Brasília.



José Acioli

**CORREIO:** Por que a chapa que você encabeça tem o nome "Integração e Produção", se ela significa uma visão da ABD-DF em duas correntes?

**Acioli:** Não rompemos com o outro segmento da ABD-DF. Queremos integrar toda a comunidade cinematográfica de Brasília e unir nossa entidade às suas congêneres a nível nacional.

**CORREIO:** Mas houve uma ruptura dentro da entidade?

**Acioli:** Não é um rompimento. O que nos levou a formar uma chapa é à nossa concepção que nos diz que precisamos ter uma base de realização cinematográfica para podermos trabalhar com mais vigor, as lutas políticas da entidade. Não rompemos com a tradição administrativa da ABD-DF.

**CORREIO:** A sua chapa vem criticando os componentes da chapa concorrente. Um dia, pedi apoio a quem eles fazem mais política do que cinema. Como é que isto se verifica?

**Acioli:** Com exceção do Vladimir Carvalho, os demais componentes da chapa Reflexão e Atuação há muito que não realizam filmes. A prova disto está no argumento de todos os prêmios do I Festival do Filme Brasíliaense foram ganhos por obras de nossa chapa. Nossa ideia é dar oportunidade a todos para que participem efetivamente da realização cinematográfica. São nossos filmes que nos credenciaram às reivindicações políticas.

**CORREIO:** Ao formar esta chapa, vocês romperam com a tradição política da ABD-DF, ou seja, com as

**CORREIO:** Quer dizer que antes da sua gestão, a ABD era uma entidade desmobilizada?

**Acioli:** Pelo menos foi assim que eu a encontrei. Antes, os associados podiam ir a ABD, mas não iam. Hoje, vão. Antes, as assembleias aconteciam com 10 pessoas, hoje, acontecem com 40 e até 50 associados.

**CORREIO:** A grande crítica que se faz a esta eleição é que o associado pode votar, filiando-se a apenas 48 horas da votação. Um associado que não tenha comparecido a ABD 48 horas antes do pleito tem condições de dar um voto consciente?

**Acioli:** Esta proposta não é da nossa chapa. Na assembleia que decidiu as regras eleitorais, foi o estatuto da ABD é omissivo neste ponto, propusemos, depois de apresentar seis novos associados, que se encerrassem, naquela reunião, o prazo de filiação com direito a voto. Eles não aceitaram e propuseram o prorrogamento até 48 horas antes do pleito.

**CORREIO:** E vocês aceitaram esta proposta?

**Acioli:** Sim, ela foi aprovada por consenso.

**CORREIO:** O programa de vocês é criticado como "muito superficial"?

**Acioli:** Discordo. Acho que a beleza do nosso programa está na sua simplicidade. Sabemos que podemos realizá-lo. Não estamos prometendo mais do que podemos realmente fazer.

**CORREIO:** O programa da chapa Reflexão acusa a chapa Integração de praticar o "clientelismo" político junto a órgãos oficiais.

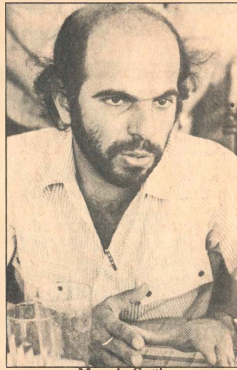
**Acioli:** Durante minha gestão tomei conhecimento de órgãos públicos que praticam o "clientelismo" político junto a órgãos oficiais. Não posso dizer que a ABD faça isso.

**CORREIO:** A chapa Reflexão e Atuação critica a sua chapa à ênfase em não produzir, em detrimento do pensar.

**Acioli:** De maneira nenhuma isto acontece. Temos uma preocupação até exagerada com o pensar o cinema. Tanto é que promovemos o Curso Teórico e Prático. Em um ano de gestão fizemos mais do que todas as gestões anteriores da ABD-DF.

**Acioli:** Quando entrei na ABD-DF ignorava o passado da entidade. Tomei, então, conhecimento das circunstâncias da entidade com a Fundação Cultural. Para melhorar as condições de produção cinematográfica na cidade negocie com todos os órgãos. Encontrei o CDF, Capes, Secretaria de Educação e Cultura. Todos me receberam bem e constantes com os equipamentos que estáo.

Todas as decisões de contato com órgãos e instituições foram anunciadas em assembleia. Inclusive a necessidade de buscar recursos capazes de dinamizar o equipamento que forma o patrimônio do Ceprocine.



Márcio Curi

## Márcio Curi quer reflexão com atuação

Márcio Curi encabeça a chapa **Reflexão e Atuação**. Ele é montador e sua mais importante participação cinematográfica aconteceu no longa-metragem Meteorango Kid. O Heródi Intergalático, de André Oliveira, filme independente, gerado na Bahia, que apaixonou o Brasil, em 1969. Márcio montou também, filmes de Vera Pereira, Mário Paruti, Tuna Espinheira e Gal Varella. Foi assistente ou diretor de produção de filmes de Fernando Coni Campos, Renato Newman, Iberê Cavalcanti, além de fotografias de Sérgio Gonzaga, o Rei do Binho, curta-metragem de Tuna Espinheira. Dirigiu a ABD-DF no gestão 1978/79.

**CORREIO:** O que significa o nome "Reflexão e Atuação"?

**Márcio:** Este nome vem da ideia de que para fazer um trabalho coerente e conseqüente, precisamos refletir criticamente a produção cinematográfica inserida no contexto nacional. Para tal precisamos atuar em busca de um resultado maduro, criando condições de realização viáveis e o mais permanente possível. E isto tudo acontece num processo de reflexão, que se seguirá de novas etapas. Além do mais, nos preocupamos com a formação dos novos associados, para que se capacitem a liderar a Associação.

**CORREIO:** A chapa "Integração" critica sua chapa por ser composta de pessoas que fazem política retoricamente, deixando a realização cinematográfica em segundo plano. Se aprende no Colégio, Sobral Pinto e Maciel de Santo Amaro, três curtas de Tuna Espinheira, aqui em Brasília. Minha área - a montagem - é o problema.

**Márcio:** Esta crítica não procede. No meu caso, gostaria de lembrar que sou o único montador brasileiro que conseguiu montar filmes em Brasília. Aprendi em seguida com José de Aguiar no Colégio, Sobral Pinto e Maciel de Santo Amaro, três curtas de Tuna Espinheira, aqui em Brasília. Minha área - a montagem - é o problema.

**CORREIO:** Você foi presidente da ABD-DF por um ano de nossas promoções. Avisaram-me que deveria levar um ofício e entregar ao Fernando Adolfo, assessor de cinema da FOCF. Dirigi-me ao cargo, cumprimenta-o, fui recebido e obrigado. Despedimo, dizendo que ia me dirigir à sala do senhor Fernando Adolfo. Ele me respondeu: sou eu. Como, então, estou praticando "clientelismo"?

**Márcio:** Não se restringiu a sua pessoa, mas à própria concepção da chapa que você encabeça.

**Acioli:** Quando entrei na ABD-DF ignorava o passado da entidade. Tomei, então, conhecimento das circunstâncias da entidade com a Fundação Cultural. Para melhorar as condições de produção cinematográfica na cidade negocie com todos os órgãos. Encontrei o CDF, Capes, Secretaria de Educação e Cultura. Todos me receberam bem e constantes com os equipamentos que estáo.

Alberto Cavalcanti está atuando como fotógrafo de dois filmes de Vladimir Carvalho e desenvolvendo o projeto que reputo como o de maior envergadura depois dos filmes do Vladimir - o longa-metragem Teias Cerradas.

Os Marcos Mendes chegou de Paris, onde fez um curso de especialização em linguagem do cinema documental, e já está atuando. Recebendo, ele concluiu um vídeo tape sobre Rediração Oral.

A Giocenda Caputo está participando como produtora dos filmes **Palmares e Hortas Familiares**, Sêrões de Sérgio Moriconi, e de **Perseghini**, de Vladimir Carvalho e Sérgio Moriconi.

O Flávio Mattos é jornalista cinematográfico. Passou pela TV Bandeirantes, foi assal em A Difícil Viagem e prepara tese de mestrado sobre A Iluminação na Fotografia Cinematográfica.

O Ronaldo Duque está na direção de produção de Cora Coralina, de VI Bodo e prepara tese de mestrado sobre A Iluminação na Fotografia Cinematográfica.

O Ronaldo Duque está na direção de produção de Cora Coralina, de VI Bodo e prepara tese de mestrado sobre A Iluminação na Fotografia Cinematográfica.

O Vladimir Carvalho está desenvolvendo três projetos: O Evangelho Segundo Teófilo, o longa-metragem o curta Perseghini, além de Contrêrreos Velho de Guerra, longa-metragem que contará a história da epopéia de construção e consolidação de Brasília.

Compreendemos que um associado, para atuar conscientemente, precisa conhecer bem sua entidade. A promoção de debates abertos é a forma que estamos encontrando para aproximar os novos associados do processo da ABD. Acreditamos que, com estes debates, apresentamos não uma alternativa paternalista, mas sim uma alternativa realista.

**CORREIO:** Se a Chapa Reflexão ganhar em que nível manterá seus contatos com os órgãos oficiais?

**Márcio:** Vamos dialogar com os organismos oficiais de uma maneira positiva, procurando todas as possibilidades de trabalho conjunto, mas nunca negligenciando a necessária autêntica e independência da Associação.

**CORREIO:** Esta afirmação revela desconhecimento da história da ABD. Sumariamente, gostaria de enumerar alguns fatos de extrema importância na história da entidade: na gestão 78/79, que foi presidida por mim, promovemos várias assembleias, além de um curso sobre as modalidades de mobilização. Esta mobilização configurou-se numa campanha junto à FOCF e à Funarte (esta entidade era dirigida pelo Roberto Farrelra, atual presidente do brasiliense) no sentido de solicitar uso produtivo de equipamentos que estavam encostados na cidade. Além dos equipamentos, elaboramos normas para sua utilização e um projeto de construção, que portaria a formação ordenada. Promovemos um curso de cinema com o Centro de Criatividade, que foi muito importante. A FOCF, porém, não nos ouviu. A partir daí, entramos publicamente no protesto contra o desprezo com que a associação e a classe vinham sendo tratados. Nesta época, nos engajamos num movimento de entidades culturais, visando a emancipação da FOCF. Por isto, o trabalho da ABD junto à Fundação ficou muito difícil. Pessoas ligadas à Embrafilme, porém, reconheceram que nosso projeto era excelente. Nenhuma ABD brasileira tinha proposto algo parecido. Nós detonamos a discussão dos pólos cinematográficos. Nesta época promovemos o I Encontro Nacional das ABDS. Alguns dias depois das cineastas Marcelo Coutinho, João Facó e Pedro Anísio começaram a questionar nossa atuação. Diziam que discutíamos muito e realizamos pouco. Eles queriam produção. A ABD reuniu, então, dez mil apólar a chapa formada por eles, sem apresentar oposição. E eles se elegeram. Porém, a gestão deles não deu os frutos esperados e acabou no processo de extinção da entidade. Depois de desperávamos. A diretoria se esfacelou e a entidade passou um ano sem recolher as mensalidades dos sócios. A ABD quase se dissolveu. Na gestão seguinte, Armando se inscreveu até reorganizamos a ABD e preparamos o II Encontro Nacional das ABDS, que ocorreu na gestão de Vladimir Carvalho. Sob a direção de Vladimir, ainda, apresentamos um livro, hoje documento básico das lutas dos curta-metragistas, promovemos o I Festival do Filme Brasíliaense. Foi um evento riquíssimo, com algumas obras de autores de listas seguintes: o Centrocine e o Curso Teórico e Prático, realizações da gestão Acioli, com nosso total apoio.

**Márcio:** Nosso estatuto, infelizmente, é omissivo. E faço me culpa, já que ajudei a elaborá-lo, cinco anos antes. O que houve, no decorrer dos últimos acontecimentos é que na assembleia do dia 11 último, a Chapa Integração levou seis ou sete novos associados e propôs o encerramento do prazo. Como o estatuto era omissivo, sugerimos que as filiações continuassem abertas. E claro que precisamos reformular o estatuto, pois

compreendemos que um associado, para atuar conscientemente, precisa conhecer bem sua entidade. A promoção de debates abertos é a forma que estamos encontrando para aproximar os novos associados do processo da ABD. Acreditamos que, com estes debates, apresentamos não uma alternativa paternalista, mas sim uma alternativa realista.

**CORREIO:** Se a Chapa Reflexão ganhar em que nível manterá seus contatos com os órgãos oficiais?

**Márcio:** Vamos dialogar com os organismos oficiais de uma maneira positiva, procurando todas as possibilidades de trabalho conjunto, mas nunca negligenciando a necessária autêntica e independência da Associação.

**CORREIO:** Esta afirmação revela desconhecimento da história da ABD. Sumariamente, gostaria de enumerar alguns fatos de extrema importância na história da entidade: na gestão 78/79, que foi presidida por mim, promovemos várias assembleias, além de um curso sobre as modalidades de mobilização. Esta mobilização configurou-se numa campanha junto à FOCF e à Funarte (esta entidade era dirigida pelo Roberto Farrelra, atual presidente do brasiliense) no sentido de solicitar uso produtivo de equipamentos que estavam encostados na cidade. Além dos equipamentos, elaboramos normas para sua utilização e um projeto de construção, que portaria a formação ordenada. Promovemos um curso de cinema com o Centro de Criatividade, que foi muito importante. A FOCF, porém, não nos ouviu. A partir daí, entramos publicamente no protesto contra o desprezo com que a associação e a classe vinham sendo tratados. Nesta época, nos engajamos num movimento de entidades culturais, visando a emancipação da FOCF. Por isto, o trabalho da ABD junto à Fundação ficou muito difícil. Pessoas ligadas à Embrafilme, porém, reconheceram que nosso projeto era excelente. Nenhuma ABD brasileira tinha proposto algo parecido. Nós detonamos a discussão dos pólos cinematográficos. Nesta época promovemos o I Encontro Nacional das ABDS. Alguns dias depois das cineastas Marcelo Coutinho, João Facó e Pedro Anísio começaram a questionar nossa atuação. Diziam que discutíamos muito e realizamos pouco. Eles queriam produção. A ABD reuniu, então, dez mil apólar a chapa formada por eles, sem apresentar oposição. E eles se elegeram. Porém, a gestão deles não deu os frutos esperados e acabou no processo de extinção da entidade. Depois de desperávamos. A diretoria se esfacelou e a entidade passou um ano sem recolher as mensalidades dos sócios. A ABD quase se dissolveu. Na gestão seguinte, Armando se inscreveu até reorganizamos a ABD e preparamos o II Encontro Nacional das ABDS, que ocorreu na gestão de Vladimir Carvalho. Sob a direção de Vladimir, ainda, apresentamos um livro, hoje documento básico das lutas dos curta-metragistas, promovemos o I Festival do Filme Brasíliaense. Foi um evento riquíssimo, com algumas obras de autores de listas seguintes: o Centrocine e o Curso Teórico e Prático, realizações da gestão Acioli, com nosso total apoio.

**Márcio:** Nosso estatuto, infelizmente, é omissivo. E faço me culpa, já que ajudei a elaborá-lo, cinco anos antes. O que houve, no decorrer dos últimos acontecimentos é que na assembleia do dia 11 último, a Chapa Integração levou seis ou sete novos associados e propôs o encerramento do prazo. Como o estatuto era omissivo, sugerimos que as filiações continuassem abertas. E claro que precisamos reformular o estatuto, pois

Compreendemos que um associado, para atuar conscientemente, precisa conhecer bem sua entidade. A promoção de debates abertos é a forma que estamos encontrando para aproximar os novos associados do processo da ABD. Acreditamos que, com estes debates, apresentamos não uma alternativa paternalista, mas sim uma alternativa realista.

**CORREIO:** Se a Chapa Reflexão ganhar em que nível manterá seus contatos com os órgãos oficiais?

**Márcio:** Vamos dialogar com os organismos oficiais de uma maneira positiva, procurando todas as possibilidades de trabalho conjunto, mas nunca negligenciando a necessária autêntica e independência da Associação.

**CORREIO:** Esta afirmação revela desconhecimento da história da ABD. Sumariamente, gostaria de enumerar alguns fatos de extrema importância na história da entidade: na gestão 78/79, que foi presidida por mim, promovemos várias assembleias, além de um curso sobre as modalidades de mobilização. Esta mobilização configurou-se numa campanha junto à FOCF e à Funarte (esta entidade era dirigida pelo Roberto Farrelra, atual presidente do brasiliense) no sentido de solicitar uso produtivo de equipamentos que estavam encostados na cidade. Além dos equipamentos, elaboramos normas para sua utilização e um projeto de construção, que portaria a formação ordenada. Promovemos um curso de cinema com o Centro de Criatividade, que foi muito importante. A FOCF, porém, não nos ouviu. A partir daí, entramos publicamente no protesto contra o desprezo com que a associação e a classe vinham sendo tratados. Nesta época, nos engajamos num movimento de entidades culturais, visando a emancipação da FOCF. Por isto, o trabalho da ABD junto à Fundação ficou muito difícil. Pessoas ligadas à Embrafilme, porém, reconheceram que nosso projeto era excelente. Nenhuma ABD brasileira tinha proposto algo parecido. Nós detonamos a discussão dos pólos cinematográficos. Nesta época promovemos o I Encontro Nacional das ABDS. Alguns dias depois das cineastas Marcelo Coutinho, João Facó e Pedro Anísio começaram a questionar nossa atuação. Diziam que discutíamos muito e realizamos pouco. Eles queriam produção. A ABD reuniu, então, dez mil apólar a chapa formada por eles, sem apresentar oposição. E eles se elegeram. Porém, a gestão deles não deu os frutos esperados e acabou no processo de extinção da entidade. Depois de desperávamos. A diretoria se esfacelou e a entidade passou um ano sem recolher as mensalidades dos sócios. A ABD quase se dissolveu. Na gestão seguinte, Armando se inscreveu até reorganizamos a ABD e preparamos o II Encontro Nacional das ABDS, que ocorreu na gestão de Vladimir Carvalho. Sob a direção de Vladimir, ainda, apresentamos um livro, hoje documento básico das lutas dos curta-metragistas, promovemos o I Festival do Filme Brasíliaense. Foi um evento riquíssimo, com algumas obras de autores de listas seguintes: o Centrocine e o Curso Teórico e Prático, realizações da gestão Acioli, com nosso total apoio.

**Márcio:** Nosso estatuto, infelizmente, é omissivo. E faço me culpa, já que ajudei a elaborá-lo, cinco anos antes. O que houve, no decorrer dos últimos acontecimentos é que na assembleia do dia 11 último, a Chapa Integração levou seis ou sete novos associados e propôs o encerramento do prazo. Como o estatuto era omissivo, sugerimos que as filiações continuassem abertas. E claro que precisamos reformular o estatuto, pois

Compreendemos que um associado, para atuar conscientemente, precisa conhecer bem sua entidade. A promoção de debates abertos é a forma que estamos encontrando para aproximar os novos associados do processo da ABD. Acreditamos que, com estes debates, apresentamos não uma alternativa paternalista, mas sim uma alternativa realista.

**CORREIO:** Se a Chapa Reflexão ganhar em que nível manterá seus contatos com os órgãos oficiais?

**Márcio:** Vamos dialogar com os organismos oficiais de uma maneira positiva, procurando todas as possibilidades de trabalho conjunto, mas nunca negligenciando a necessária autêntica e independência da Associação.

**CORREIO:** Esta afirmação revela desconhecimento da história da ABD. Sumariamente, gostaria de enumerar alguns fatos de extrema importância na história da entidade: na gestão 78/79, que foi presidida por mim, promovemos várias assembleias, além de um curso sobre as modalidades de mobilização. Esta mobilização configurou-se numa campanha junto à FOCF e à Funarte (esta entidade era dirigida pelo Roberto Farrelra, atual presidente do brasiliense) no sentido de solicitar uso produtivo de equipamentos que estavam encostados na cidade. Além dos equipamentos, elaboramos normas para sua utilização e um projeto de construção, que portaria a formação ordenada. Promovemos um curso de cinema com o Centro de Criatividade, que foi muito importante. A FOCF, porém, não nos ouviu. A partir daí, entramos publicamente no protesto contra o desprezo com que a associação e a classe vinham sendo tratados. Nesta época, nos engajamos num movimento de entidades culturais, visando a emancipação da FOCF. Por isto, o trabalho da ABD junto à Fundação ficou muito difícil. Pessoas ligadas à Embrafilme, porém, reconheceram que nosso projeto era excelente. Nenhuma ABD brasileira tinha proposto algo parecido. Nós detonamos a discussão dos pólos cinematográficos. Nesta época promovemos o I Encontro Nacional das ABDS. Alguns dias depois das cineastas Marcelo Coutinho, João Facó e Pedro Anísio começaram a questionar nossa atuação. Diziam que discutíamos muito e realizamos pouco. Eles queriam produção. A ABD reuniu, então, dez mil apólar a chapa formada por eles, sem apresentar oposição. E eles se elegeram. Porém, a gestão deles não deu os frutos esperados e acabou no processo de extinção da entidade. Depois de desperávamos. A diretoria se esfacelou e a entidade passou um ano sem recolher as mensalidades dos sócios. A ABD quase se dissolveu. Na gestão seguinte, Armando se inscreveu até reorganizamos a ABD e preparamos o II Encontro Nacional das ABDS, que ocorreu na gestão de Vladimir Carvalho. Sob a direção de Vladimir, ainda, apresentamos um livro, hoje documento básico das lutas dos curta-metragistas, promovemos o I Festival do Filme Brasíliaense. Foi um evento riquíssimo, com algumas obras de autores de listas seguintes: o Centrocine e o Curso Teórico e Prático, realizações da gestão Acioli, com nosso total apoio.

**Márcio:** Nosso estatuto, infelizmente, é omissivo. E faço me culpa, já que ajudei a elaborá-lo, cinco anos antes. O que houve, no decorrer dos últimos acontecimentos é que na assembleia do dia 11 último, a Chapa Integração levou seis ou sete novos associados e propôs o encerramento do prazo. Como o estatuto era omissivo, sugerimos que as filiações continuassem abertas. E claro que precisamos reformular o estatuto, pois

Compreendemos que um associado, para atuar conscientemente, precisa conhecer bem sua entidade. A promoção de debates abertos é a forma que estamos encontrando para aproximar os novos associados do processo da ABD. Acreditamos que, com estes debates, apresentamos não uma alternativa paternalista, mas sim uma alternativa realista.